

CMG (FN) Renato Rangel Ferreira
renato@cddcfm.mar.mil.br

Eixos estruturantes: o rumo a aproar

Ensinam os velhos marinheiros que só pode haver ventos à feição, quando se sabe o rumo a aproar.¹

Como demarcar o rumo para uma nau bicentenária?

Um marinheiro responderia de forma objetiva: – Da mesma forma como são traçados todos os rumos. Partindo da compreensão do porto de partida, vislumbra-se o porto de destino, procede-se uma análise da hidrografia entre os dois pontos, para, então traçar o rumo. O bom marinheiro também sabe que para atingir o destino planejado “por diversas oportunidades haveremos de bordejar, negociando procelas, ventos e correntes sem, contudo, perder de vista a direção geral a seguir” (MONTEIRO, 2010a).

Em outubro de 2010, o Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais publicou uma edição extra de seu periódico *O Anfíbio*. Em sua capa, ressaltava-se uma imagem texturizada de Fuzileiros Navais (FN) desembarcando em uma praia, sugerindo o contexto de uma Operação Anfíbia. Logo abaixo do nome do periódico, constava o motivo da excepcionalidade da publicação: tratava-se de importantes “Considerações Doutrinárias”. Na parte inferior da imagem, havia, sobreposto à areia da praia, o título, igualmente sugestivo: *A Próxima Singradura*.

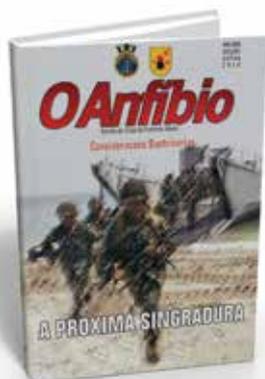


Figura 1: Capa da revista *O Anfíbio*, edição extra 2010
Fonte: *O Anfíbio*

Outra singularidade dessa edição extra da revista *O Anfíbio* é o fato dela conter apenas dois artigos, ambos escritos por Comandantes-Gerais no exercício de suas funções. O artigo inicial, redigido pelo Almirante de Esquadra (FN) Alvaro Augusto Dias Monteiro, possui o título que dá nome à revista como um todo: *A Próxima Singradura*. O segundo artigo, escrito pelo Almirante de Esquadra (FN) Luiz Carlos da Silva Cantídio, denomina-se *O Combatente Anfíbio - Análise do Caso Brasileiro*. Ambos os textos foram escritos em momentos que o Comandante-Geral considerou que precisava definir, ou ajustar, o rumo do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN).

Este breve artigo debruçar-se-á sobre *A Próxima Singradura*, de autoria do Almirante Monteiro, particularmente para buscar detalhar um conceito de grande importância: os Eixos Estruturantes do Corpo de Fuzileiros Navais; destacará, ainda, as razões que levaram à sua concepção; assim como a finalidade de cada um deles.

¹ Lição Marinheira citada pelo Almirante de Esquadra (FN) Monteiro na Ordem do Dia nº 01/2010, alusiva ao 202º aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais.

A Próxima Singradura

A primeira década do terceiro milênio foi bastante fecunda para o CFN. Nestes anos, observou-se um considerável aumento da participação de tropas anfíbias em Operações de Garantia da Lei e da Ordem e em Operações de Paz. Uma bela página da história do CFN está sendo escrita, desde 2004, com a participação de Fuzileiros Navais na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). A reboque desta participação, vieram consideráveis ganhos operacionais, como a aquisição de novos equipamentos e viaturas e o aperfeiçoamento da conduta individual de nossos combatentes.

Por outro lado, no entanto, olhares atentos perceberam um leve desvio de rumo na trajetória do CFN. A preocupação em aprestar seus Grupos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) para a realização de Operação de Paz de Caráter Terrestre, como a MINUSTAH, aliada à baixa disponibilidade de meios navais anfíbios, relegaram a realização de Operações Anfíbias a segundo plano. Isso ficou patente, quando da publicação da Estratégia Nacional de Defesa, em 2008, cujo texto não apresenta nenhuma menção a esse tipo de operação naval, a qual confirmou a principal vocação do CFN, além de ser sua razão de existir na Marinha do Brasil (MB).

Foi também nessa década que a própria MB definiu mais claramente sua postura estratégica autônoma. Após a denúncia, por parte do governo brasileiro, do Acordo de Assistência Militar com os EUA, em março de 1977, inaugurou-se a atual fase autônoma, mas esta mudança de postura não foi instantânea. Foram necessárias algumas décadas para que a MB passasse a priorizar a defesa das Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB), em detrimento da postura anterior de participar da segurança coletiva hemisférica baseada, a exemplo do ocorrido na II Guerra Mundial, na proteção ao tráfego marítimo, que era operacionalizada, principalmente, por meio de operações antissubmarino. A cunhagem do termo Amazônia Azul, em 2004, materializou essa nova postura da MB. Com isso, seu foco principal passava a ser a proteção das AJB.

Curiosamente, na mesma década em que a MB, alinhada com a Política de Defesa Nacional (PDN), consolida sua postura estratégica voltada para o Atlântico Sul e para a proteção da Amazônia Azul, o CFN vinha, por diversos motivos, mudando seu rumo em direção às demandas colocadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), cujo foco era voltado, muitas vezes, para operações meramente terrestres em países distantes do nosso entorno estratégico.

Foram essas as principais razões que fizeram surgir “A Próxima Singradura”: a necessidade de disponibilizar o CFN para a tarefa principal da MB - proteger a Amazônia Azul - e, nesse contexto, aproximar-se do mar e resgatar sua capacidade de empreender operações tipicamente navais, particularmente as anfíbias.

Para divulgar sua intenção de manobra de amarrar o CFN, o Almirante Monteiro optou pelo formato de artigo. Nele, partindo de estudos realizados, confirmou a importância das vocações consolidadas, identificou os valores essenciais e as características do CFN, adotou a premissa do incondicional alinhamento de postura estratégica com a MB para, enfim, formular a atual Visão de Futuro do CFN.

VOCAÇÕES CONSOLIDADAS

No decorrer de sua história, os Fuzileiros Navais consolidaram as seguintes vocações, identificadas pelo Almirante de Esquadra (FN) Luiz Carlos da Silva Cantídio em seu artigo *O Combatente Anfíbio* e que, hoje, condicionam seu perfil operacional: Vocação Anfíbia e Vocação para a Defesa de Instalações. (MONTEIRO, 2010a.)

VISÃO DE FUTURO DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

Até 2030, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), parcela intrínseca, portanto, indissociável do Poder Naval, consolidar-se-á como a força estratégica por excelência, de caráter expedicionário, de pronto emprego e de projeção de poder. Como integrante do componente anfíbio da Marinha do Brasil, conferirá prontidão operativa e capacidade expedicionária ao Poder Naval ampliando suas possibilidades para atuar, tempestiva e eficazmente, em qualquer região que configure um cenário estratégico de interesse. O CFN será imprescindível para a proteção da Amazônia Azul, pois contribuirá para conferir credibilidade à presença do Poder Naval no Atlântico Sul, seus contornos e ilhas oceânicas. (MONTEIRO, 2010a.)



Figura 2: Eixos Estruturantes da Doutrina do CFN
Fonte: MONTEIRO (2010a)

A definição clara da Visão de Futuro do CFN estabeleceu onde se queria chegar, faltava escolher o caminho. Como fazer o CFN evoluir, ao longo dos anos, até se tornar “imprescindível para a proteção da Amazônia Azul”, conferindo “credibilidade à presença do Poder Naval no Atlântico Sul, seus contornos e ilhas oceânicas”?

Concebeu-se, então, a formulação de Eixos Estruturantes, interdependentes e complementares, ao mesmo tempo de fácil identificação (e memorização) e com lastro suficiente para perdurar até 2030. Eles deveriam, como sua denominação aduz, estruturar e direcionar, em torno desses caros temas, o desenvolvimento da doutrina, do material e dos recursos humanos do CFN.

O primeiro, e natural, eixo foi identificado como *Operação Anfíbia*. Este tipo de operação, além de possuir o fundamental caráter naval, pode ser executada tanto em proveito da defesa da Amazônia Azul, quanto para conferir credibilidade ao Poder Naval no Atlântico Sul quando empregada no entorno estratégico nacional.

Definido o eixo principal, buscou-se enunciar dois outros, que lhe dessem sustentação operacional e doutrinária: o eixo Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais e o eixo Guerra de Manobra, respectivamente.

AMPHIBIOUS RENAISSANCE

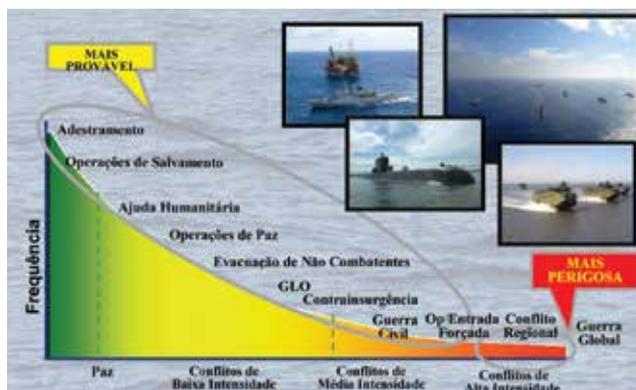


Figura 3: Gráfico do Renascimento Anfíbio: frequência de ocorrência das operações militares versus intensidade de violência empregada nos conflitos
Fonte: FERREIRA (2012)

Operação Anfíbia

O principal Eixo Estruturante é o que estabelece o resgaste, a valorização e o permanente aperfeiçoamento da capacidade anfíbia da MB.

Este movimento de resgaste é natural. O *United States Marine Corps*² (USMC) iniciou, também em 2010, um movimento similar. De forma análoga ao que ocorrera com o CFN em relação ao Haiti, o USMC, após oito anos de intensa participação em operações terrestres sem caráter naval, no Iraque e Afeganistão, passou a desenvolver ações que objetivavam resgatar a capacidade anfíbia de suas forças e de sua Marinha. O conjunto dessas ações foi denominado *Renascimento Anfíbio* e envolvia a realização de exercícios anfíbios de grande envergadura e revisões doutrinárias.

Uma dessas importantes revisões doutrinárias foi a que flexibilizou e atualizou o conceito de Operação Anfíbia, que passou a contemplar um quinto tipo, denominado “Engajamento Anfíbio e Mitigação de Crises”. Esta evolução conceitual possibilita o emprego do Conjugado Anfíbio não só em operações de combate, mas também nas, cada vez mais numerosas, operações com emprego limitado da força.

O gráfico do Renascimento Anfíbio apresenta a curva que relaciona a frequência de ocorrência das operações militares com a intensidade de violência empregada nos conflitos. A Projeção Anfíbia, concebida para atualizar o conceito de Operação Anfíbia no contexto do Renascimento Anfíbio, abrange o emprego de Fuzileiros Navais em conflitos de baixa intensidade, porém com alta frequência de ocorrência.

O CFN acompanhou esta evolução doutrinária denominando esse quinto tipo de Operação Anfíbia como “Projeção Anfíbia”. Tal passo, na direção da Visão de Futuro do CFN, foi de grande importância, pois a execução de Projeções Anfíbias em países da África Atlântica constitui um excelente instrumento de Diplomacia Naval. Seja para atender a demandas humanitárias, seja para mitigar crises de qualquer natu-

² USMC: Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América.

reza, o CFN poderia, então, contribuir para conferir credibilidade à presença do Poder Naval no Atlântico Sul, estreitando laços de cooperação e ocupando o mar do nosso entorno estratégico.

Cabe salientar o importante conceito firmado no artigo que estabelece que a proteção das AIB não deve ficar restrita a ações internas a esta área marítima, isto é, a proteção da Amazônia Azul deve ser iniciada o mais afastada possível: no litoral da África Atlântica. Portanto, uma força capaz de projetar-se sobre esse litoral para levar cooperação torna-se um instrumento indispensável.

Outro ponto significativo foi o destaque que se deu para o emprego do Conjugado Anfíbio nas ilhas oceânicas, pontos estratégicos fundamentais para a defesa aproximada da Amazônia Azul. Nesse contexto, o Almirante Monteiro identificou outro nicho operacional, ao mesmo tempo, intrinsecamente relacionado à Amazônia Azul e ligado ao âmago do Corpo de Fuzileiros Navais. Atuar em ilhas oceânicas ou em áreas focais de interesse naval constitui a própria gênese das Operações Anfíbias tradicionais, que projetaram poder sobre terra para contribuir com o Controle de Área Marítima ou a Negação do Uso do Mar no Oceano Pacífico, durante a II Guerra Mundial.

Tanto a moderna Projeção Anfíbia quanto as tradicionais Operações Anfíbias compõem o cerne desse Eixo Estruturante. Vale registrar, no entanto, que o pano de fundo era amarar o CFN. Em contexto mais amplo, esse eixo abrange também o embarque de Fuzileiros Navais em navios para executar sua segunda vocação: a proteção de instalações navais de interesse. Os soldados-marinheiros são naturalmente aptos para compor Grupos de Reação a Ameaças Assimétricas (GRAA) ou para contribuir com Grupos de Visita e Inspeção e Guarnições de Presa (GVI/GP). Um exemplo do primeiro caso é o grupo que compõe a tripulação da fragata que capitaneia a Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL). Um exemplo do segundo caso foi o embarque de FN em uma das primeiras missões do navio-patrolha oceânico Amazonas, quando integraram o primeiro GVI/GP daquele navio em patrulha pela Amazônia Azul.

Em síntese, este principal eixo – Operação Anfíbia – pretende apresentar e, por conseguinte, disponibilizar uma Força Anfíbia que contribua com a consecução das Tarefas Básicas de um Poder Naval com credibilidade no Atlântico Sul, nos seus contornos e nas ilhas oceânicas.

Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais

O eixo Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais visa a conferir sustentação operacional, definindo e consolidando a organização para o combate ótima para a realização de Operações Anfíbias.

Esta organização foi baseada no modelo de Força-Tarefa adotado pelo USMC, que emprega as *Marine Air Ground Task Force* (MAGTF) desde 1947. O CFN, por sua vez, a adota desde 1993. Basicamente, Forças de FN de qualquer valor organizam-se em torno dos componentes: Comando, Combate Terrestre, Combate Aéreo e Apoio de Serviços ao Combate.

Sua principal característica, a modularidade de seus componentes, foi concebida com o fito de dar foco e concentrar esforços de natureza semelhante em cada componente, para simplificar a execução da mais complexa das operações militares: a operação anfíbia. Assim, a transposição de poder de combate do ambiente naval para o terrestre, um grande “calcanhar de Aquiles”, pode ser executada de forma mais harmônica e eficiente. Esta modularidade flexibiliza a organização tanto em relação ao valor de tropa, quanto em tipo de missão, permitindo ainda seu escalonamento no espaço e no tempo.

Essas mesmas características mostraram-se particularmente apropriadas para direcionar o emprego dos FN em sua nova singradura. Os GptOpFuzNav são a organização ideal para a proteção da Amazônia Azul, pois podem ser empregados tanto em Assaltos ou Incursões Anfíbias em costas hostis, em ilhas oceânicas ou pontos focais de interesse naval, quanto em Projeções Anfíbias sobre litorais permissivos em missões de Diplomacia Naval no entorno estratégico nacional.

Na vertente combativa, os GptOpFuzNav de valor Brigada Anfíbia (BAnf) ou Unidade Anfíbia (UANf) são especialmente adaptados para rapidamente fazer crescer o Poder de Combate da tropa que desembarca.

Na vertente diplomática, os GptOpFuzNav de valor Elemento Anfíbio (ElmAnf), com seu reduzido efetivo que pode se adaptar à capacidade de transporte de tropa dos meios navais anfíbios (cerca de 300 FN em média), podem rapidamente ser embarcados e deslocados pelo Atlântico Sul, em apenas um navio, para fazer frente a alguma demanda de cooperação, seja de caráter humanitário, seja para mitigar crises.

Guerra de Manobra

O eixo Guerra de Manobra visa a conferir sustentação doutrinária, definindo e consolidando os conceitos que compõem o estilo de guerra apropriado para a realização de operações anfíbias.

A Guerra de Manobra, na forma como a conhecemos e estudamos atualmente, teve seus conceitos ordenados pelo USMC, na década de 1980. O CFN adota esses conceitos desde 2003. Cabe salientar que algumas dessas ideias são estudadas há décadas, ou mesmo séculos, mas a organização desse conhecimento específico, compondo um pressuposto teórico, foi tarefa desenvolvida com grande sabedoria por pensadores militares norte-americanos contemporâneos.

Novamente, o mote foi o de facilitar a transposição do Poder de Combate do mar para terra; solucionar a questão de iniciar uma batalha sem retaguarda, na praia, com pouco Poder de Fogo e dificuldades logísticas impostas pelo encontro do domínio naval com o terrestre; fazer o mais fraco vencer o mais forte.

Assim, a Guerra de Manobra prioriza a aproximação indireta, utilizando a manobra para abordar o inimigo a partir de uma posição de vantagem, que pode ser física ou espacial, mas também temporal, moral ou psicológica.

Essa doutrina de emprego de força mostrou-se, então, particularmente apropriada a uma tropa que pode ser empregada tanto em combate, como pode ser projetada em ambientes de ameaças incertas ou voláteis; tanto em ilhas oceânicas, quanto no litoral atlântico da África.



Conclusão

A Visão de Futuro prescrita em *A Próxima Singradura* desenhou como deveria estar o Corpo de Fuzileiros Navais em 2030. Um Corpo imprescindível para a MB: com suas vocações consolidadas, com foco no Atlântico Sul e essencial para a defesa e proteção da Amazônia Azul.

Os Eixos Estruturantes, por sua vez, são o que efetivamente delineiam o rumo que conduzirá ao destino final previsto pela Visão de Futuro, pois, como ensinam os velhos marinheiros: “(...) só pode haver ventos à feição, quando se sabe o rumo a aproar”. Esses eixos, ao buscarmos amarar o CFN, apontam, em última análise, para a valorização da consciência de nossa maritimidade e do entorno estratégico nacional, assim como para o resgate de nossas vocações.

Creio que tenha sido isto o que o bom marinheiro quis dizer: os ventos futuros do CFN estarão à feição, os Eixos Estruturantes do Corpo de Fuzileiros Navais são o rumo a aproar.

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.484, de 30 de junho de 2005. Aprova a Política de Defesa Nacional, dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 01 de jul. de 2005b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm>. Acesso em: 25 mar. 2011.

_____. Decreto nº 6.703, de 18 de dezembro de 2008. Aprova a Estratégia Nacional de Defesa. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 dez. 2008. Seção 1, p. 4.

FERREIRA, Renato Rangel. Amazônia Azul: Espaço de Batalha para os Combatentes Anfíbios. **O Anfíbio**, Rio de Janeiro, nº 23, ano XXIV, p. 95-104. 2004.

_____. A Amazônia Azul e o Atlântico Sul e Tropical. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, p. 127-139, abr./jun. 2010.

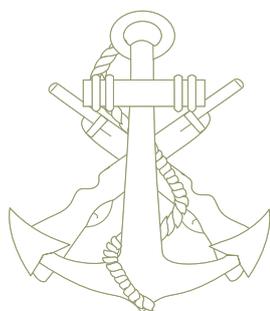
_____. Conceitos Doutrinários de Projeção Anfíbia e Escalão Avançado da Força de Emprego Rápido. In: MOMENTO DOUTRINÁRIO DA FORÇA DE FUZILEIROS DA ESQUADRA, 2012. Rio de Janeiro: Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra, 09 dez. 2012.

GAVIÃO, Luiz Octávio. As Operações Anfíbias no Século XXI. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, p. 155-179, jan./mar. 2010.

MONTEIRO, Alvaro Augusto Dias. A próxima singradura. **O Anfíbio**, Rio de Janeiro, ano XXIX, p. 9-68, out. 2010a. Edição extra.

_____. Ordem do Dia nº 1/2010, de 07 de março de 2010. 202º Aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais. **Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais**, Rio de Janeiro, 2010b.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1985



CC (FN) Renato Heil França
franca@ciasc.mar.mil.br

Operações Anfíbias: a vocação do passado se consolida como eixo estruturante do futuro

Introdução

Com a finalidade de guiar o preparo e o emprego do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), estão previstos na revisão do manual *CGCFN-0-1* os seus três Eixos Estruturantes, que são: Guerra de Manobra (GM), Operação Anfíbia (OpAnf) e Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav). Eles foram idealizados como interdependentes e complementares, devendo direcionar o desenvolvimento da doutrina, material e recursos humanos (BRASIL, 2013).

Este artigo tem a intenção de mostrar a luta pela sobrevivência das Operações Anfíbias na história, situar o seu enquadramento no CFN da atualidade e estimar qual será a sua importância para o futuro da Força, além de comentar seu relacionamento com a GM e os GptOpFuzNav e, finalmente, concluir acerca da escolha de OpAnf como eixo estruturante.

Passado

Para entendermos o que significam as OpAnf para o CFN, devemos recorrer a uma rápida viagem pelos principais momentos históricos vividos pelo Corpo. Confundindo-se com a própria criação da Brigada Real da Marinha, o desembarque em Caiena contribuiu decisivamente para o fim das ambições geopolíticas francesas da época sobre a calha Norte do Rio Amazonas e demonstrou para que o CFN foi vocacionado originalmente.

Em termos mundiais, com base na evolução tecnológica e nos próprios resultados obtidos em episódios marcantes do século XX, tal tipo de operação dividiu a opinião de analistas militares. Durante a Primeira Guerra Mundial (I GM) e após a Segunda (II GM), a OpAnf foi chamada de obsoleta, impossível de ser realizada e descartável. Entretanto, por ocasião da II GM e, mais tarde, durante a Guerra da Coreia, foi caracterizada como impossível de ser impedida e de grande efeito estratégico (RODRIGUES, 2011).

Até mesmo o *United States Marine Corps*¹ (USMC), maior Força Anfíbia do planeta, que teve papel relevante na Reconquista do Pacífico durante a II GM, teve a sua existência ameaçada. Foi necessário um forte engajamento político por parte de alguns oficiais mais antigos e colaboradores civis junto ao Senado americano, nas décadas de 40 e 50, para salvar a permanência do USMC como Força Armada, evitando assim que fosse incorporado pelo Exército Americano (KRULAK, 1999).

Mais recentemente, apesar de novas correntes indicando que as OpAnf estariam próximas do fim, por conta da ameaça dos mísseis devido à aproximação dos meios navais, novamente, elas provaram sua importância na Guerra das Malvinas (1983) e durante a Operação Tempestade no Deserto (2003). Com a criação de novos meios e a adaptação da concepção de emprego, as OpAnf continuam sendo vitais para diversas Marinhas, tanto considerando o seu uso clássico de projeção de poder quanto as novas ameaças e a sua aplicação frente a outras necessidades.

¹ USMC: Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América.